

Mídia e Recepção

Juventude e mídia: possíveis singularidades de uma audiência ativa

Rosa Maria Bueno Fischer¹

O objetivo deste trabalho é debater a proposta teórica e metodológica de uma pesquisa de recepção, a respeito das relações entre mídia e juventude. Argumento que as implicações dos conceitos filosóficos de resistência e de subjetivação, em Michel Foucault, poderiam ser relacionados aos de ação humana e expressão de singularidade, em Hannah Arendt e, mais especificamente, no campo da comunicação, ao conceito de audiências ativas, de John Downing.

Trato neste trabalho dos conceitos de resistência e de dispositivo em Foucault, a partir dos quais tenho trabalhado com a noção de “dispositivo pedagógico da mídia”, em pesquisas sobre mídia e educação, desde 1998. Tal noção é aqui discutida em relação a um objeto específico – a juventude – e incorpora a contribuição de outros autores, fundamentais para a compreensão de sintomas da cultura contemporânea, como Arendt, Bauman, Zizek, entre outros, sem perder de vista autores diretamente envolvidos com o estudo das práticas comunicacionais, como Beatriz Sarlo e John Downing. Privilegiarei aqui Foucault, Arendt e Downing.

A partir de Foucault, temos definido (Fischer, 2000; 2002; 2004) o “dispositivo pedagógico da mídia” como um aparato discursivo e ao mesmo tempo não-discursivo², a partir do qual

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

² Na perspectiva foucaultiana, o dispositivo pedagógico da mídia se configuraria como um aparato discursivo porque nele se produzem e circulam saberes e

haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura. A proliferação de *reality shows* seria o exemplo mais evidente, mas julgamos importante ir além e verificar as múltiplas formas de produzirmos insistentemente variados materiais em que predomina um modo pedagógico de condução das vidas individuais e grupais.

Para Foucault, não se trata *sempre* de relações de poder, de aprisionamento dos sujeitos, de controle, de disciplinamento e vigilância dos corpos. Ele nos mostrou que, simultaneamente ao reforço de controles, há a produção de resistências, em acordo com estratégias de poder e saber, que podem ser descritas em análises sobre modos de publicização da vida privada e de pedagogização midiática.

Defendo aqui, como fundamental para apoiar estudos de recepção, a afirmação foucaultiana de que onde há poder, há resistência e de que só se exerce poder sobre homens livres (Foucault, 1995). Mais do que isso: trago para a discussão os últimos trabalhos de Foucault, especialmente o curso *A hermenêutica do sujeito*, em que o pensador se ocupa de uma clara questão do presente, no caso, relacionada não só ao “culto californiano do eu” dos anos 70 nos Estados Unidos, mas aos inúmeros modos pelos quais, naquele tempo e hoje ainda, nos tornamos sujeitos de discursos verdadeiros e os fazemos “nossos” (Foucault, 2004).

No Curso a que me refiro, Foucault utilizou como materiais empíricos os textos de filósofos gregos e romanos clássicos, e neles fez cuidadosa imersão. Seu propósito era produzir novas questões sobre o sujeito. Sua pergunta era: afinal, tratava-se, naqueles pensadores antigos, de sujeição ou de subjetivação? Conhecimento de si ou cuidado de si? Tratava-se de relações consigo para sempre

discursos; e não-discursivo, uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político.

normalizadoras, porque regradas, ou então relações passíveis de uma ética e uma estética da existência, para além das normas e regras?

Penso que o trabalho com grupos de recepção teria um potencial extremamente rico de problematização desses conceitos. Para Foucault, o sujeito está sempre submetido a relações de controle, ao mesmo tempo que imerso em inúmeras práticas, em que é “chamado” a olhar para si mesmo, a conhecer-se, a construir verdades sobre si mesmo. Porém, é exatamente essa mesma complexidade no modo de entender o sujeito que indica possibilidades de ultrapassar o controle e a dependência (estes jamais são absolutos), porque voltar-se para si mesmo pode constituir-se uma linha de fuga (Deleuze, 1999), um “modo artista” de ser, em que a luta maior é justamente a luta contra “todas as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade” (Foucault, 1995, p. 236). Esse é o ponto principal que desejo discutir, cotejando-o com as considerações feitas por John Downing (2002) a respeito da mídia radical alternativa e das audiências ativas.

Os resultados da pesquisa “Mídia, juventude e reinvenção do espaço público”³ permitiram estabelecer um diálogo com a proposta de Downing. Embora em nosso estudo tenhamos trabalhado com materiais da mídia convencional (Rede Globo e MTV)⁴, e não com audiovisuais produzidos em correlação direta com movimentos sociais, entendemos que os processos de discussão empreendidos com os estudantes de Ensino Médio e os universitários talvez possam ser incluídos dentro do amplo conceito de “audiência ativa”, em

³ Pesquisa realizada com o apoio do CNPq, de 2002 a 2004, com análise do discurso de programas de TV sobre e para jovens, e da manifestação de grupos de estudantes, em situação de recepção.

⁴ Os debates com seis grupos de recepção (estudantes de Ensino Médio de duas escolas públicas e uma particular; estudantes de Ensino Fundamental, de escola pública para jovens e adultos; universitários da UFRGS, de Pedagogia e de Comunicação) tiveram como objetivo fazer a escuta de jovens de 15 a 25 anos, a partir da exibição de programas endereçados a esse público (como *Malhação* – da Globo, *Tome Conta do Brasil* – da MTV) ou que por ventura viessem a tratar da vida dos jovens brasileiros (no caso, a telenovela *Mulheres Apaixonadas*, os telejornais *Hoje* e *Jornal Nacional*, *Big Brother Brasil*, a mini-série *Cidade dos Homens* – todos da Rede Globo).

correlação com os conceitos de resistência e de processos de subjetivação, em Foucault.

Segundo Arlindo Machado, na apresentação à edição brasileira do livro de Downing, muitos estudos em comunicação acabam por “midificar-se”, isto é, acabam por submeter-se à lógica das mídias dominantes, na medida em que são elas que pautam nossas escolhas analíticas, nossos estudos de recepção, afastando-se dos pequenos mas significativos eventos comunicacionais, situados para além de índices de Ibope, para além de retóricas sem saída ou ainda para além de propostas de transformação absolutamente impraticáveis (Machado, 2002, p. 9-15).

Ora, concordo que Downing preenche, de fato, uma lacuna importante nos estudos de comunicação, ao contemplar práticas de expressão política mínimas, singulares, associadas à criação midiática. Trata-se de práticas que se espalham por todo o mundo, também num país como o Brasil, em que a produção de vídeos, fotografias, livros, filmes, panfletos, materiais gráficos de todos os tipos não se separam de um ativismo político específico. A respeito disso, poderiam ser citados vários exemplos, com uma característica comum: a expressão pública e artística de grupos em situação de desvantagem econômica e social.

Downing sugere pensarmos a mídia radical como aquela que aponta para um tipo de efervescência, de base individual, ou de base grupal e socialmente mais ampla, cujos efeitos talvez possam adquirir visibilidade muito tempo depois do gesto original. O importante é considerar que tal efervescência se relaciona a propósitos de oposição aos poderes hegemônicos de um dado tempo, a partir da criação de meios de expressão pelos quais se busca construir uma rede de relações solidárias. Assim, torna-se imprescindível levar em conta, sempre, o contexto histórico e as conseqüências de um tipo de

produção midiática, para configurá-la ou não como “mídia radical alternativa”⁵.

Para o objetivo deste texto, interessa o fato de que Downing não esquece a relação entre mídias radicais e modos de receber e utilizar produtos midiáticos – como já nos têm mostrado vários estudiosos, como Raymond Williams, Hall, Canclini, Martín-Barbero. Ou seja, a opção por privilegiar criações da mídia radical alternativa – claramente definida em primeiro lugar como aquela que se opõe à mídia convencional, de grande alcance, sobretudo empresarial e comercial – não desconsidera o trabalho das audiências, que Downing chama de audiências ativas.

Destacamos o fato de o autor sugerir que a atenção se volte radicalmente para os fluxos de comunicação que ocorrem com os efetivos usuários das mídias – sejam estas mídias hegemônicas ou alternativas. Downing critica os estudos de recepção por se ocuparem do momentâneo, daquilo que *hoje* um determinado grupo vê na mídia convencional. O autor ressalta a efervescência dos movimentos sociais e das próprias audiências, no intuito de enfatizar determinados aspectos da mídia radical que, segundo ele, colocaria os clássicos “receptores” na posição agora de produtores, expostos por sua vez, também eles, a uma multiplicidade de audiências.

Mas voltemos ao conceito de resistência, nas duas “versões”: de Downing e Foucault, que tento aqui aproximar. Downing trata do tema da resistência apoiando-se no antropólogo James Scott, cujos estudos ressaltam mínimas práticas “infrapolíticas” de grupos subalternos, através das quais estes expressam todo o tipo de crítica e oposição à ordem dominante: por exemplo, nas anedotas, mexericos, canções, narrativas folclóricas, redes de conversa, etc. Trata-se de fragmentos de resistência que, segundo Downing, teriam na mídia radical – associada à organização de determinados grupos,

⁵ Nessa perspectiva, um estudo importante a fazer seria a respeito dos inúmeros produtos de “mídia radical”, veiculados durante as realizações do Fórum Social Mundial, cuja mais recente edição ocorreu em Porto Alegre, em janeiro de 2005.

por etnia, raça, opção sexual, gênero, faixa etária – uma possibilidade de formalização (idem, p. 53).

Defendo, baseada na última pesquisa sobre juventude e mídia, que podemos operar com os grupos de recepção de modo a configurar esse trabalho como um modo de escuta a respeito da produção e reprodução de imaginários e, ao mesmo tempo, como um modo de expressão de singularidades e de formas micropolíticas de resistência e de possibilidades de simbolização como expressão política de indivíduos e grupos⁶. Para tanto, apresento, a seguir, um quadro de como tenho orientado a organização e a análise dos dados levantados – no caso, os materiais empíricos relativos a um conjunto de programas de televisão e a uma série de debates gravados com seis grupos de jovens. Nele, procuramos articular três grandes grupos de categorias: (a) categorias relativas a “técnicas de si”, a modos de produção de subjetividades jovens na cultura; (b) categorias relativas a modos de ser da linguagem televisiva endereçada a esse público e (c) categorias relativas a “linhas de fuga”, a possibilidades de expressão de singularidades, resistências aos discursos hegemônicos, nos grupos de recepção.

Como se verá, os três grupos de categorias tratam, cada um dentro de sua especificidade, da temática principal que orienta a pesquisa, qual seja, a das novas configurações das esferas pública e privada, no espaço midiático, em relação a um público específico, o público jovem.

⁶ Ver a propósito o trabalho apresentado no Compós de 2004 (FISCHER, 2004).

ESQUEMA GERAL DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE a) dos produtos televisivos destinados ao público jovem b) dos "textos" produzidos pelos grupos de recepção		
Categorias referidas às "tecnologias do eu" propostas aos jovens – diferenciadas por classe, gênero, etnia, geração (Michel Foucault)	Categorias referidas à "televisibilidade" e às enunciações do público e do privado (Beatriz Sarlo + Elizabeth Ellsworth + Maria Rita Kehl)	Categorias referidas à "ação" dos grupos de recepção, às diferenças e singularidades, presentes nos materiais midiáticos (Hannah Arendt, Downing, Derrida)
• Confissão (dos erros, da intimidade, da vida amorosa, da sexualidade, dos desejos de adolescentes e jovens). • Culpabilização. • Moralização das práticas ("Lições de moral"). • Exemplos de vida. • Auto-avaliação. • Auto-decifração permanente. • Práticas de auto-transformação: do corpo e da alma. • Governo de si pelo governo do outro (a invasão cotidiana e permanente da vida privada dos espectadores e o convite simultâneo para o auto-governo, promovido pelo governo do outro). • Cuidado de si (particularmente, cuidado com o corpo e a sexualidade).	• Auto-referência (a TV falando de si mesma). • Repetição (temáticas e personagens recorrentes). • Aval de especialistas (a figura "necessária" do <i>expert</i>, de um tipo de "ciência"). • Informação "didática". • Opção por um vocabulário "facilitado". • Reiteração do papel social da TV. • Caracterização da TV como lugar da "verdade ao vivo", da "realidade". • Transformação da vida em espetáculo. • Identificação da TV como "paraíso dos corpos" jovens e belos. • Construção do jovem e da criança como sujeitos permanentemente "em falta", necessariamente "carentes" de informação, conselho e orientação. • Interpelação a públicos amplos e ao mesmo tempo diferenciados: o complexo problema dos "modos de endereçamento" na TV. • Crescente indiferenciação entre os espaços públicos e privados: a TV como lugar de publicização da vida privada.	• Manifestação de singularidades e das diferenças. • Posicionamento dos grupos como "audiências ativas". • Expressão da complexidade do evento televisivo, na voz de jovens espectadores "interessados". • Exposição da provisoriedade das verdades. • Questionamento ao excesso de imagens e informações, em detrimento da vida como experiência e como acontecimento. • O embate entre "realidade", ficção e práticas de simbolização na mídia e na vida dos grupos de estudantes envolvidos. • Questionamento à prática da "confissão de si", presente nos próprios procedimentos da pesquisa com grupos de recepção.
↑	↑	↑
Recursos de roteiro, texto, cenografia, elenco, figurino, edição e sonorização		

Utilizando em diferentes momentos o cruzamento entre esse conjunto de tópicos, a pesquisa permitiu ampliar a discussão sobre

“tecnologias do eu” (Foucault), relações de poder na cultura e práticas jovens, articulada a um estudo sobre a linguagem técnica dos produtos audiovisuais, no caso, materiais televisivos destinados a esse público. Em termos metodológicos, o que buscamos foi construir um modo de levantamento de dados que mantivesse como perspectiva as articulações acima referidas (entre tecnologias do eu, televisibilidade, ação dos grupos). Ou seja, em todas as diferentes etapas da pesquisa, o esforço consistiu em voltar sempre ao esquema das categorias, sem que isso significasse um aprisionamento. Pelo contrário, os dados levantados seguidamente exigiram reelaborações do quadro, que no final da pesquisa recebeu a configuração aqui apresentada⁷.

Assim é que, na análise do discurso dos programas de TV e dos “textos” produzidos pelos jovens, em situação de recepção (ou de audiências ativas?), tivemos a confirmação de que vidas privadas e intimidades têm invadido o cenário público da mídia não exatamente para que haja uma interação com os espectadores, ou para introduzir uma nova discussão em relação aos modos de existência do público e do privado em nossa sociedade, mas para no máximo, como assinala Bauman (2002), fortalecer o privado em sua privacidade (idem, p. 231). Também, nos debates com os estudantes, foi possível desenvolver discussões que confirmam um aprendizado diário, vivido por eles, de um certo estado de “perdição”, de vazio, de confusão generalizada, em relação ao que entendem e experimentam como vida pública e vida privada.

Para exemplificar: telespectadores “assentados” ou audiências ativas?

Os jovens apontam em seus depoimentos para o desejo de narrar e de ser narrado, e que eles encontram em filmes, especialmente os exibidos na televisão, ou em telenovelas e seriados.

⁷ Desde as últimas três pesquisas sobre mídia e educação, vimos aperfeiçoando esse quadro. Ver a propósito FISCHER, 2000.

Ora, essa necessidade humana fundamental de criar, de ultrapassar a própria contingência a partir da arte, da ficção literária, é experimentada por eles a partir do que vêem no cinema basicamente hollywoodiano e nas produções das grandes redes de televisão brasileiras, alguns deles nas *home pages* da Internet. Mas é também experimentada também nas próprias sessões de discussão. A proposta de discutir temas sobre as diferenças, discriminações e exclusões, por exemplo, a partir de exibições de peças televisivas, ultrapassou a simples referência e retorno aos programas de TV, para ampliar-se num trabalho de volta a si mesmo, talvez de “cuidado consigo”, de que trata Foucault (2004), e que permitiria a grupos jovens uma inserção como audiências efetivamente ativas.

De um lado, as análises dos programas e os debates com os jovens e análise de materiais televisivos mostraram o quanto grande parte da produção da mídia funciona como uma espécie de “cobertura plena” dos vazios, daquilo que *poderia* ser simbolizado (no sentido psicanalítico de Lacan), na medida em que jornais, TV, revistas vão conferindo incansavelmente sentidos para acontecimentos, objetos, grupos sociais, pessoas, sentimentos, atos políticos, desejos, em todas as dimensões da vida. Nos debates, os jovens muitas vezes afirmaram como seus, como verdades suas, os ditos que circulam na mídia – sobre política (política é o mesmo que corrupção, por exemplo), sobre intimidade sexual e amorosa, sobre a própria mídia, sobre necessidades de consumo e assim por diante. De outro lado, ocorreu também que esses mesmos debates se ofereceram como espaço de expressão daquilo que escapa, daquilo que não é plenamente capturado pela mídia; ou seja, aconteceu nos encontros a escuta e a manifestação das tantas perplexidades de meninos e meninas que, ao discutirem a TV com seus pares, formularam aqui e ali interrogações, deparando-se com suas próprias contradições e dúvidas, diante aquilo que haviam, naquele mesmo tempo e espaço, formulado como verdades inabaláveis – como veremos mais adiante.

O sentimento de confusão e medo diante de um mundo violento, da perspectiva ou da própria realidade do desemprego, de vazio de referências, para além das efêmeras referências de figuras do espetáculo midiático, manifestado pelos jovens que participaram da pesquisa, aliado a uma certa imobilidade diante das distâncias entre ricos e pobres, negros e brancos, heterossexuais e homossexuais, por exemplo, estavam presentes a cada encontro. Os relatos em grupo sobre a vida de cada um, o que fazem nas horas livres, que vídeos escolhem, que filmes vêem, que tempo dedicam a ler, a ouvir música, a dançar e namorar, a que “tribos” pertencem, enfim, apareceram muitas vezes vinculados a questões cruciais como a do sonho de liberdade e, por oposição, a da certeza de que todos nós (especialmente eles) somos sempre fortemente controlados no social. Finalmente, e não com menor importância, apareceram nos debates as grandes dificuldades vividas quanto às suas experiências com os “outros”, os “diferentes”: os grupos em geral mostravam estar abertos a compreender, a respeitar, no limite, a tolerar as diferenças de opção sexual, etnia, condição econômica, pertinência a esta ou àquela “tribo”, mas expressavam plenamente as próprias contradições, os medos, num movimento oscilante entre a abertura a novos modos de ver o mundo e a repetição das lições, em geral conservadoras, aprendidas na mídia e nos demais âmbitos da vida social.

Em todos os debates, foi possível observar que a TV se oferece aos adolescentes e jovens como agenda efetiva para múltiplas identificações, modos de pertencimento social e como forma de participação em relação a algo que é público. Um programa como *Big Brother Brasil*, por exemplo, diz a eles que ali “tinha juventude, o cotidiano de uma vida”. O que eles têm vergonha de perguntar aos pais oferece-se como presente nas revistas femininas ou numa *soap opera teen* como *Malhação*. Os exemplos são inúmeros. E nos levam, cada um deles, a pensar naqueles encontros como a expressão de fragmentos de resistência, micro-política de olhar para si mesmo,

para as próprias vidas, no mínimo pelo fato de que, conforme nos ensina Hannah Arendt (2000), o que é próprio da ação humana tem a ver com nascimento, vida nova, expressão de singularidade em espaços públicos, em contraposição à ausência de pensamento, aprisionamento ao clichê (Arendt, 2003).

Falar sobre a TV em nosso cotidiano conduz os jovens a pensarem sobre a solidão e a sensação de segurança, comentando, por exemplo, a prática diária e simplória de comer e assistir à TV. Tais observações vêm diretamente associadas ao mundo perigoso da rua, onde o que há para fazer é “cheirar, fumar, se prostituir”. Cinema, teatro, filmes em vídeo, essas são opções que existem apenas para os que “têm dinheiro”, e não é o caso de grande parte dos alunos das escolas públicas. O que os tira da TV é a escola e também alguns grupos, de pagode, de dança, do CTG (Centro de Tradições Gaúchas), assim como algumas atividades esportivas, como jogos de futebol.

Se a TV é presença constante na vida de todos os grupos estudados, é, simultaneamente, objeto permanente de críticas. Alguns estudantes referem que na televisão “não tem nada de útil praticamente”. A crítica à TV curiosamente seguiu-se a uma referência a *Matrix* e à importância do filme como narrativa que “faz pensar no mundo que a gente vive hoje [que] tem alguém, alguma coisa que está nos instituindo regras, que tá fazendo a gente viver de um certo jeito”. De uma maneira geral, pode-se dizer que o próprio tema dos meios de comunicação é mobilizador da crítica aos processos nomeados pelos jovens como “manipulação”.

Os jovens oscilam entre o reconhecimento de que programas como *Malhação*, por exemplo, atraem porque “mostram a sociedade”, e ao mesmo tempo provocam alguma rejeição, na medida em que lá é o reino da artificialidade e da mesmice: “a história é sempre a mesma”. Ou seja, tanto esse modo de construir uma narrativa de ficção, em torno de temas que se repetem, mereceu a crítica dos estudantes, como o fato de na TV um modo de acontecer a repetição

é também o recurso a classificar, a apontar tipos de pessoas ou de modos de ser, desejáveis na sociedade.

Os debates levaram os grupos a pensar sobre a TV como um espaço em que se mostra a perfeição, coisas que temos “sempre que alcançar, parece que a nossa vida nunca tá perfeita, porque eles são os perfeitos” [...]. Nos debates, a TV e seus *reality shows* reforçam *ad nauseam* a idéia de que estamos todos num jogo, quem for mais esperto vai ganhar, que “para se dar bem, vai pisar em cima dos outros pra subir”.

A discussão sobre as várias classificações do outro (e de sua conseqüente exclusão) mobilizou os vários grupos pesquisados, cujos participantes demonstraram uma espécie de prazer sádico nessa experiência de negar o diferente – prática possivelmente relacionada com a própria não aceitação do que cada um rejeita em si mesmo; mas uma prática seguramente violenta e muito de perto relacionada às divisões sociais mais amplas, pelas quais nossa sociedade considera alguns como cidadãos, outros como subcidadãos.

Num dos grupos, os jovens chegaram a discutir o tema da humilhação, da diminuição do outro, associando o debate sobre todas as formas de racismo, discriminação, exclusão social mais ampla (de negros e pobres, por exemplo) com o debate sobre as micro-exclusões cotidianas que eles vivenciam, daquele que é gordo, tem espinha no rosto, foi ou é repetente, os chamados “burros” e fracassados, os magrelas, os homossexuais, os pobres, os marginais, etc.

Em todos os encontros, a complexidade das manifestações dos estudantes. Nelas, parece emergir uma certa perplexidade, produzida em parte pela própria prática do debate sobre produtos da TV, lugar em que encontram sugestões de modos de existência hegemônicos e fortes, mas que parecem não resistir à radicalidade da expressão de si mesmo e da produção de narrativas próprias.

Conclusão: indagações ainda

A leitura de John Downing provocou-me pensamento: afinal, como escapar às oposições entre mídia convencional e mídia alternativa? Como pensar as audiências que já sabíamos não passivas, mas que teriam talvez hoje um novo papel na condição de audiências ativas? Como pensar além do papel já conhecido de receptores críticos, para algo talvez mais sofisticado e politicamente mais denso e criativo – que os debates com os grupos de jovens, como apresentado neste trabalho, parecem sugerir? Imagino que está para ser feita uma problematização mais intensa e profícua a respeito do conceito de resistência em Foucault e a expressão de singularidades, a oferta de espaços sociais – como o propiciado pelo trabalho com grupos de recepção e aqui sinteticamente relatado –, em que tenhamos a possibilidade de criar, quem sabe, algum tipo de micro-movimento social, marcado pela palavra, pela simbolização criativa em relação às experiências com as diferentes mídias.

Referências bibliográficas

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *La sociedad individualizada*. Barcelona: Catedra, 2002.
- DELEUZE, Gilles. Que és um dispositivo? In: BALBIER et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1999, p. 155-163.
- DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC, 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno Diante do “real” midiático: contribuições de Zizek, Arendt e Sontag aos estudos de recepção. Trabalho apresentado no XIII Encontro Anual da Compôs. S.B. Campo (SP), 2004, GT Recepção.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPED, nº 20, mai./jun./jul./ago. 2002, p. 83-94.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. “Técnicas de si” na TV: a mídia se faz pedagógica. *Educação UNISINOS*. São Leopoldo (RS): v. 4, n. 7, p. 111-139, jul./dez. 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert e

MACHADO, Arlindo. Contra a ibopização do pensamento (em defesa da mídia radical). Apresentação à edição brasileira. In: _____. DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC, 2002, p. 09-15.

RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica* (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense, 1995. p. 231-249.